

São Paulo, 4 de julho de 2019

NOTA À IMPRENSA

Custo da cesta tem comportamento diferente entre as capitais

Em junho de 2019, o custo do conjunto de alimentos essenciais diminuiu em 10 capitais e aumentou em outras sete, conforme mostra resultado da Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos, realizada mensalmente pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). As quedas mais expressivas ocorreram em Brasília (-6,65%), Aracaju (-6,14%) e Recife (-5,18%). Já as maiores altas foram registradas em Florianópolis (1,44%), Rio de Janeiro (1,16%), Belo Horizonte (1,05%) e Campo Grande (1,03%).

A capital com a cesta mais cara foi São Paulo (R\$ 501,68), seguida pelo Rio de Janeiro (R\$ 498,67) e por Porto Alegre (R\$ 498,41). Os menores valores médios foram observados em Aracaju (R\$ 383,09) e Salvador (R\$ 384,76).

Em 12 meses, entre junho de 2018 e o mesmo mês de 2019, todas as cidades acumularam alta, que variaram entre 6,82%, em Belém, e 17,31% em Vitória.

Nos primeiros seis meses de 2019, todas as cidades acumularam aumentos, com destaque para Vitória (20,20%), Natal (16,36%) e Recife (16,34%). A menor taxa foi registrada em Campo Grande (1,29%).

Com base na cesta mais cara que, em junho, foi a de São Paulo, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em junho de 2019, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria equivaler a **R\$ 4.214, 62**, ou 4,22 vezes o mínimo de R\$ 998,00. Em maio de 2019, o piso mínimo

necessário correspondeu a R\$ 4.259,90, ou 4,27 vezes o mínimo vigente. Já em junho de 2018, o valor necessário foi de R\$ 3.804,06, ou 3,99 vezes o salário mínimo, que era de R\$ 954,00.

TABELA 1
Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos
Custo e variação da cesta básica em 17 capitais
Brasil – junho de 2019

Capital	Valor da cesta	Variação mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação no ano (%)	Variação em 12 meses (%)
São Paulo	501,68	-1,06	54,64	110h35m	6,41	11,08
Rio de Janeiro	498,67	1,16	54,31	109h56m	6,84	11,91
Porto Alegre	498,41	0,46	54,28	109h52m	7,25	10,07
Florianópolis	494,96	1,44	53,91	109h07m	8,11	16,38
Vitória	485,34	0,10	52,86	106h59m	20,20	17,31
Brasília	454,90	-6,65	49,54	100h17m	4,38	10,14
Fortaleza	448,73	0,97	48,87	98h55m	12,93	14,37
Curitiba	446,54	-1,07	48,63	98h26m	6,56	8,27
Belo Horizonte	429,30	1,05	46,76	94h38m	5,04	14,81
Campo Grande	428,33	1,03	46,65	94h25m	1,29	12,67
Goiânia	421,65	-0,87	45,92	92h57m	8,43	15,26
Belém	407,67	-2,48	44,40	89h52m	6,63	6,82
João Pessoa	398,72	-1,20	43,43	87h53m	15,50	13,99
Natal	397,24	-2,17	43,26	87h34m	16,36	13,14
Recife	396,21	-5,18	43,15	87h20m	16,34	11,32
Salvador	384,76	-2,09	41,91	84h49m	11,91	15,54
Aracaju	383,09	-6,14	41,72	84h27m	6,78	9,60

Fonte: DIEESE

Obs.: A partir de maio, a coleta da cesta básica foi interrompida em São Luís

Cesta básica x salário mínimo

Em junho de 2019, o tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica totalizou 96 horas e 57 minutos e, em maio, 98 horas e 12 minutos. Em junho de 2018, quando o salário mínimo era de R\$ 954,00, o tempo médio foi de 89 horas e 56 minutos.

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu, em junho, 47,90% da remuneração para adquirir os produtos. Esse percentual foi inferior ao de maio, quando ficou em 48,52%. Em junho de 2018, quando o

salário mínimo valia R\$ 954,00, a compra demandava 44,43% do montante líquido recebido.

Comportamento dos preços¹

Entre maio e junho de 2019, houve tendência de diminuição nos preços do feijão, da banana e do café em pó. Já as cotações do leite integral, arroz agulhinha e açúcar aumentaram na maior parte das cidades.

O preço médio do feijão diminuiu em todas as capitais em junho de 2019. O tipo carioquinha, pesquisado nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, em Belo Horizonte e São Paulo, apresentou variações entre -33,67%, em Brasília, e -0,85%, em Campo Grande. Já o feijão preto, pesquisado nas capitais do Sul, em Vitória e no Rio de Janeiro, também teve queda em todas as cidades, com taxas entre -14,83%, em Vitória, e -5,56%, no Rio de Janeiro. Em 12 meses, o preço médio do grão carioquinha acumulou alta em todas as capitais: as taxas variaram entre 37,63%, em Belo Horizonte, e 99,11%, em Goiânia. As variações acumuladas do tipo preto também foram positivas, mas em patamares menores: entre 16,30%, no Rio de Janeiro, e 29,33%, em Vitória. A colheita da segunda safra abasteceu o mercado e reduziu o preço do bem.

Houve redução do preço médio da dúzia da banana em 14 cidades. A pesquisa coleta os tipos prata e nanica e faz uma média ponderada dos preços. As quedas oscilaram entre -11,13%, em Brasília, e -2,37%, no Rio de Janeiro. O valor da dúzia ficou estável em Goiânia e aumentou em João Pessoa (3,36%) e Campo Grande (4,30%). Em 12 meses, houve aumento em 11 cidades, com destaque para Salvador (21,51%) e Florianópolis (21,41%). As taxas acumuladas negativas mais importantes foram registradas em Goiânia (-16,04%) e Natal (-13,30%). Com as chuvas, a banana nanica ou caturra se valorizou, pois houve menor oferta. No entanto, a demanda esteve enfraquecida e, por isso, os preços baixaram no varejo.

O preço do café em pó diminuiu em 13 capitais entre maio e junho. As taxas negativas mais expressivas foram registradas em Brasília (-6,41%), Campo Grande

¹ Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab - Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

(-4,47%) e João Pessoa (-3,97%). Em Goiânia, o preço médio não variou. Houve aumentos em Vitória (2,44%), Curitiba (1,86%) e Natal (0,36%). Em 12 meses, apenas Goiânia apresentou taxa acumulada positiva (5,28%). As demais cidades tiveram redução, com taxas entre -14,76%, em Brasília, e -3,11%, em Natal. O ritmo de exportação seguiu forte e o grão foi comercializado a um valor maior, entretanto, em junho, no varejo, os preços seguiram em queda, em virtude dos resultados positivos da colheita.

O valor do litro do leite integral aumentou em 12 cidades entre maio e junho, ficou estável em Goiânia e Vitória e diminuiu em Brasília (-3,15%), Florianópolis (-1,51%) e Belo Horizonte (-1,21%). As maiores taxas ocorreram em Recife (6,97%), Fortaleza (3,98%) e Natal (3,85%). Em 12 meses, 10 cidades tiveram queda acumulada, com destaque para Campo Grande (-14,39%) e Porto Alegre (-8,71%). O baixo estoque de leite nas indústrias de laticínios e o decréscimo da oferta no campo elevaram o preço do produto integral nos supermercados de várias capitais do país. Em outras cidades, mesmo com o leite em entressafra, as indústrias de laticínios tiveram dificuldade em repassar os preços ao consumidor, pois a demanda foi menor.

O preço do quilo do arroz agulhinha aumentou em 12 cidades e diminuiu em outras cinco. As taxas variaram entre 0,27%, em Natal, e 3,88%, em Belém. Destacam-se as quedas verificadas em Goiânia (-5,70%) e Brasília (-3,01%). Em 12 meses, Aracaju apresentou redução acumulada (-3,51%), enquanto as outras capitais tiveram elevação, as mais expressivas em Belém (21,23%), Natal (13,43%) e Campo Grande (12,80%). À espera de melhor preço, os produtores de arroz seguraram o produto, e, do lado da demanda, as beneficiadoras não demonstraram interesse em negociar. No varejo, porém, as cotações médias subiram em junho.

O quilo do açúcar apresentou elevação de preços em 11 cidades e as taxas variaram entre 0,43%, no Rio de Janeiro, e 6,93%, em Brasília. Em Belém, o valor médio não se alterou e, em outras cinco capitais, houve queda, com destaque para Campo Grande (-4,06%). Em 12 meses, os aumentos acumulados foram anotados em 12 cidades, com taxas entre 0,45%, em Curitiba, e 34,90%, em Goiânia. Em Salvador, a cotação média ficou estável. A maior redução acumulada foi registrada em São Paulo (-8,33%). No varejo, o preço do açúcar subiu na maior parte das cidades, apesar do bom desempenho da safra de cana. Isto se deveu à decisão das usinas em manter o patamar de preços comercializados em alta, apesar da fraca demanda.

São Paulo

Entre maio e junho, o preço médio da cesta de alimentos em São Paulo teve queda de 1,06%, ficando em R\$ 501,68. Foi o maior preço registrado entre as 17 pesquisadas pelo DIEESE. Em 12 meses, a variação acumulada foi de 11,08%. Nos seis primeiros meses de 2019, ficou em 6,41%.

Oito produtos apresentaram queda: feijão carioca (-12,94%), banana (-4,36%), manteiga (-2,19%), farinha de trigo (-1,41%), batata (-1,23%), pão francês (-0,64%), café em pó (-0,52%) e carne bovina de primeira (-0,24%). As altas foram registradas para os demais produtos: tomate (3,34%), óleo de soja (2,69%), arroz agulhinha (2,45%), açúcar refinado (1,85%) e leite integral (0,51%).

Em 12 meses, 10 produtos acumularam alta: tomate (52,77%), feijão carioca (47,57%), batata (44,22%), farinha de trigo (21,57%), manteiga (9,62%), banana (4,41%), pão francês (3,49%), carne bovina de primeira (2,01%), arroz agulhinha (1,03%) e óleo de soja (0,59%). As taxas acumuladas foram negativas somente para o café em pó (-10,20%), o açúcar refinado (-8,33%) e o leite integral (-7,23%).

O trabalhador paulistano cuja remuneração equivale ao salário mínimo necessitou cumprir jornada de trabalho de 110 horas e 35 minutos, em junho de 2019, para comprar a cesta. Em maio, o tempo necessário foi de 111 horas e 47 minutos. Já em junho de 2018, a jornada média era de 104 horas e 09 minutos.

Em junho de 2019, o custo da cesta em São Paulo comprometeu 54,64% do salário mínimo líquido (após os descontos previdenciários), percentual menor que o de maio (55,23%). Em junho de 2018, equivalia a 51,46%.